



*REP's - Revista Even. Pedagóg.*

Número Regular: Documentação Pedagógica: experiências com projetos

Sinop, v. 9, n. 1 (23. ed.), p. 335-355, jan./jul. 2018

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

---

## O PRAZER EM ENSINAR NA DOCÊNCIA<sup>1</sup>

**Rosangela da Costa Moraes**

Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT - Brasil

### RESUMO

Esse artigo discorre sobre o prazer na docência, buscando compreender como esse sentimento se manifesta na prática dos docentes atuantes das instituições de ensino localizadas na cidade de Sinop/Mato Grosso. Rubem Alves e Paulo Freire são alguns dos estudiosos que deram sustentação teórica para a pesquisa. O estudo partiu da abordagem qualitativa, valendo-se da observação em sala, e de entrevistas com professores e alunos. Ao término da investigação concluiu-se que os professores se sentem felizes, e gostam da profissão que escolheram. Também ficou evidente que os alunos demonstram maior interesse em aprender com um professor que exerce sua função de maneira prazerosa.

**Palavras-chave:** Docência. Professores. Prazer. Alunos.

### 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa traz um estudo acerca dos sentimentos positivos entre professores e alunos no contexto das salas de aula. E de como o professor que atua prazerosamente na docência, demonstrando que está na profissão por que ama a função que desempenha dentro da escola, pode influenciar de maneira significativa no ensino-aprendizagem desses alunos. Entendemos que uma boa relação afetiva entre professores e alunos, influencia, de maneira positiva o processo ensino

---

<sup>1</sup>Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **DOCÊNCIA: o prazer em ensinar**, sob a orientação do Dr. Josivaldo Constantino dos Santos, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2017/2.

aprendizagem. “[...] o aspecto afetivo tem profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual, [...]” (MONTE-SERRAT, 2007, p. 43). O afeto é elemento indispensável quando se trata de ensino/aprendizagem.

O afeto é um sentimento tão presente em qualquer momento de nossa vida, tanto pessoal, nas relações com familiares e amigos, como nas relações enquanto aluno/professor. E essa relação positiva e prazerosa entre professores e alunos só pode ocorrer se o professor sentir prazer em exercer sua docência, pois quando se gosta realmente do que se faz, se realiza por prazer e não por obrigação.

O objetivo principal da pesquisa é compreender como o sentimento de prazer se manifesta nas práticas dos professores enquanto sujeitos da pesquisa, conhecer a história por trás da escolha da profissão, identificar nos mesmos, características que os tornam bons professores e evidenciar como esse sentimento de prazer fica visível na sua relação com seus alunos na sala de aula.

## **2 AS PRÁTICAS DE UM BOM PROFESSOR**

Um bom professor caracterizado na pesquisa como aquele que sente prazer em ensinar, é também um pesquisador, que busca levar para suas aulas metodologias criativas, envolventes e está sempre inovando em suas práticas de ensino. Hoje estamos vivendo na era da tecnologia, e se o professor não se tornar pesquisador fica defasado em suas metodologias de ensino. Afinal a tecnologia está presente na vida de todos, principalmente das crianças, e tanto a escola quanto o professor não devem afastar essa tecnologia das salas, pelo contrário devem trazê-las para o ambiente escolar, e promover aulas interessantes que chamem atenção dos alunos. Segundo Freire (1996, p. 32):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. [...] Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Um educador realmente comprometido com sua profissão busca estar sempre modificando e atualizando suas práticas de ensino aprendizagem para que suas aulas se tornem cada vez mais atrativas e interessantes aos olhos dos alunos

envolvendo-os nas aulas para que ao invés de ficarem olhando para o relógio, aguardando apreensivo o término da aula, queiram mais quando ela acabar, até porque quando a aula é boa passa muito rápido.

Para esse educador o que mais deve importar dentro de uma escola, mais especificamente dentro de uma sala de aula, são seus alunos, seu desenvolvimento, e a felicidade dos mesmos quando forem convidados a participar de aulas como estas. E o professor além de tudo deve estar apto para trabalhar todas as formas possíveis, para promover o aprendizado.

Codell (2004), traz experiências ricas e inspiradoras de seu primeiro ano como professora em uma turma com 31 crianças negras e pobres de uma escola pública da cidade de Chicago, EUA. Em meio às dificuldades, à violência, à deficiência do ensino, colegas que não são profissionais, ela nos mostra como enfrentar tudo isso sendo uma excelente professora, criativa e que se importa realmente com o que acontece com seus alunos.

As crianças tem leitura livre à tarde, geralmente por vinte minutos. Esta semana, no entanto, elas têm lido por períodos de quarenta minutos, tão concentradas que eu podia ouvir minha própria respiração. Foi extraordinário. Uma professora entrou na sala por algum motivo e viu aquilo. – Meu Deus! – disse ela. – Tão quietinhas e concentradas! Deve ser o tempo. Mais não é o tempo. Eu dei tanto duro para que elas chegassem a esse ponto, mais duro do que jamais dei em toda a minha vida, e agora parece que elas chegaram lá. Quero que reconheçam que eu as levei até lá, e que elas sejam reconhecidas por terem chegado lá. Trabalhamos juntos para conseguir isso. É difícil de explicar, a não ser para dizer que não é o tempo, nem a relação entre o número de meninos e o número de meninas, nem nenhuma outra bobagem do gênero. É que eu tentei e elas estão tentando, isso é que é. Que todos saibam que eu tive uma semana de ensino realmente boa na escola. (CODELL, 2004, p. 69).

Essa é uma forma de motivação que inspira professores para transformar para sempre a vida de muitas crianças. A educação necessita de bons profissionais, capacitados, empenhados, encorajados e que acima de tudo estejam na profissão por profissionalismo sim, mas também por amor para que possam assumir cuidar, ensinar e proporcionar todos os dias, aprendizagem significativa na vida de tantas crianças, e é por isso que acredito que para ser um bom professor é necessário que a competência profissional esteja vinculada ao prazer e ao querer realmente por amor estar desenvolvendo seu trabalho junto à escola e aos alunos.

Assumimos nesse trabalho, a definição de amor representada na expressão grega como “Ágape”, que de acordo com Monte-Serrat (2007, p. 49) “Ágape é o amor que liberta das armadilhas das paixões e da tirania do egoísmo, é o amor que dá sem ter em vista reconhecimento ou recompensa”. É o amor que deve permear as relações entre professores e alunos dentro da sala de aula, um amor que nesse contexto talvez não tão profundo como o amor de mãe para filho, mas um amor que segundo Cortella (2015), é um amor de cuidado, zelo e proteção a outra pessoa. Para ele ágape é um amor de partilha, é um amor fraterno.

Amor implica cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento. Amor é preocupação ativa com a vida e com o crescimento de quem amamos. Onde falta essa preocupação ativa não há amor. De fato, a aprendizagem das crianças começa na infância, com a disciplina amorosa dos pais, e prossegue na escola, com o vínculo amoroso com os professores. (MONTE-SERRAT, 2007, p. 54).

Quando falamos em amor dentro desse contexto que é a educação, a sala de aula, e a relação afetiva entre professores e alunos, estamos buscando mostrar um amor comparado ao que sentimos por amigos. O amor contemplado nesse artigo é um amor de respeito ao que se está ensinando, é um compromisso de respeito ao aprendiz do outro. É o se importar realmente com o que meus alunos irão aprender dentro da sala para a vida em sociedade.

Estar repleto desse sentimento em sua prática e em sua vida, como pessoa e como profissional amoroso e competente só irá agregar frutos positivos dentro e fora da sala de aula. “Um professor competente é todo aquele que sabe organizar e dirigir aprendizagens, que percebe sua progressão, que respeita a diversidade que diferencia seus alunos”. (ANTUNES, 2011, p.72). Essa é uma das qualidades do bom professor. São essas qualidades que diferenciam os professores e que qualificam o professor que sente prazer em exercer sua docência.

E é por isso que a competência profissional e o amor por ensinar não devem estar separados, pois todo profissional preparado, qualificado e competente no desempenho de sua função com certeza a realizará de forma esplendida e grandiosa, mas se, porém, ainda não tiver o sentimento de prazer em exercer sua carreira, sua capacitação o torna somente mais um profissional daquela determinada área de atuação.

De acordo com Codell (2004, p. 150), “A diferença entre uma professora iniciante e uma professora experiente é que a professora iniciante pergunta: “como estou me saindo?”. E a experiente pergunta: “como as crianças estão se saindo?”. Ou seja, a preocupação do educador deve estar centrada sempre em seu aluno, afinal é para ele, e por ele que esse profissional está nas salas de aula de todo o mundo. Este mesmo profissional que além de carregar diversas responsabilidades dentro desse contexto, leva a responsabilidade de formar outros alunos de outras profissões no mundo. Esse educador, caracterizado como bom professor tem em suas mãos não só a função de ensinar, mas também tem que estar apto para entender o que está sendo vivido por seus alunos, e só assim poderá intervir para tentar ajudar na medida do possível.

Para Codell as trinta e uma crianças com as quais trabalha, são: “Trinta e uma oportunidades. Trinta e um futuros, nossos futuros. É uma sensação quase psicótica acreditar que parte de suas vidas me pertence. Tudo o que elas se tornarem eu também me tornarei. E tudo o que sou elas ajudaram a criar”. (2004, p. 153).

O educador geralmente passa mais tempo com um aluno do que com a própria família. Então são momentos de histórias, risos, brincadeiras e aprendizagens que o aluno levará para toda sua vida, e que o professor jamais irá esquecer, pois nem mesmo o educador responsável por ensinar, sabe tudo, ele provavelmente aprenderá muito com os seus alunos.

Para Freire (1996, p. 25) “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Então tanto o aluno aprende com o professor, como o professor aprende com aluno, são trocas necessárias que devem ocorrer no ambiente escolar, e que aproximam mestre e discípulo. E o professor deve estar aberto a aprender também com seus alunos.

O bom professor sabe que para ensinar bem é necessário estar sempre buscando melhorar sua prática de ensino, de modo a atender as necessidades e ajudar no desempenho dos alunos. O professor em sua prática precisa instigar seu aluno, propor metodologias e estratégias para provocar a curiosidade, o interesse e despertar em seus alunos o senso crítico e inquietador, que não aceita a ordem estabelecida, que luta pelos seus direitos, que sabe que tem voz e vez dentro da sociedade, e que não se inibe que não se assusta com tudo de ruim que é

estabelecido pelos governantes, e que tem coragem de dialogar e expor suas ideias e opiniões sem medo de ser criticado ou desafiado.

Nessa perspectiva Freire (1996, p. 28) diz: “O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. E só um bom professor saberá atrair o interesse do aluno para levá-lo a se tornar esse sujeito crítico na sociedade. “[...] professor é quem desafia e estimula descobertas e não quem sobe em um pedestal para rotineiros discursos”. (ANTUNES, 2011, p. 66). O verdadeiro professor é quem oferece meios para que seu aluno descubra, pesquise e tenha interesse em aprender, e não que se conforte em apenas ficar falando e falando para seus alunos, pois é seu papel além de incentivar, proporcionar mecanismos para que esse incentivo desperte o interesse do aluno em aprender. Mais para que isso aconteça é necessário que o professor seja ou torne-se um educador crítico nas suas ideias, nas suas atitudes e na sua vida. A iniciativa precisa partir do professor, senão ao invés de formar cidadãos críticos e pensantes formará sujeitos que agem de forma mecânica, tornando-se meros repetidores de informações. “Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, [...] de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”. (FREIRE, 1996, p. 29).

E que não é nenhum esforço grandioso, quando parte de um bom professor, comprometido, apaixonado, competente, generoso e feliz em estar fazendo o possível para demonstrar a todos que a melhor escolha que fez foi ter optado pela profissão que exerce com muito amor e prazer. Ser um bom professor é assumir um compromisso muito grande, tais quais nos aponta Freire (1996).

Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mais não desiste.(FREIRE, 1996, p. 115-116).

Ser um bom professor é acreditar que a mudança é possível. “O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar”. (FREIRE, 1996, p. 127). A mudança se faz necessária, e o bom educador através da sua prática de ensino pode abrir olhares para essa possibilidade, que a mudança pode acontecer.

Afinal esse é o papel da educação, da escola e do professor, formar cidadãos que sejam donos de sua própria maneira de pensar. “Professores que encantam podem ser um quase nada no universo, mas ainda são, por certo, um imenso universo nesse nada que nos cerca”. (ANTUNES, 2011, p. 70). O que seria das nossas crianças, sem o professor que cuida que acolhe e que ensina. Professor é muito mais que profissão. Ser professor é nos fazer acreditar que um dia viveremos em um mundo melhor.

O papel de um bom professor dentro da sociedade é de grande responsabilidade, pois é sua função formar cidadãos competentes, éticos, justos, bons, críticos, digo um bom professor, por que professores preocupados apenas e exclusivamente com o seu salário, com sua condição de trabalho, que menosprezam sua profissão, esses profissionais existem aos montes. Profissionais assim, não estão preocupados com a formação humana dos futuros sujeitos que farão parte da sociedade. “A professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade [...]”. (FREIRE, 1996, p. 127).

Sabe-se que escolher a docência como profissão, não é uma atitude fácil, ela não é nada atraente aos olhos de uma sociedade capitalista, onde só se visa o lucro, pois apesar de sua importância ele não é valorizado, e nem bem remunerado de acordo com a responsabilidade que exige seu papel dentro de uma instituição educacional, na realidade sabemos sim de sua importância porém não é dado o valor necessário ao profissional que tem nas mãos a responsabilidade de formar outros profissionais de outras profissões.

E é por isso que na hora da escolha da profissão o que deve prevalecer é a sua satisfação perante o trabalho desenvolvido, pois dizer que gosta dessa ou



daquela profissão é fácil, porém o difícil é escolher entre todas as profissões não aquela que oferece melhores condições financeiras, ou melhores condições de trabalho, mas é passar por cima de tudo disso, e escolher entre todas a que realmente te faz feliz, a qual você deseje desempenhar com orgulho, amor e dedicação. É preciso não só gostar, porém amar o que se faz, pois não há nada pior que ser obrigado a desempenhar uma tarefa na qual não se sinta prazer em desenvolvê-la. Não há nada pior que trabalhar por obrigação, sem motivação ou interesse.

Se você disser que a decisão não é tão séria assim, que o que está em jogo é só o aprendizado de um ofício para se ganhar a vida e, possivelmente, ficar rico, eu posso até dizer: “Tudo bem! Só que fico com dó de você! Pois não existe coisa mais chata que trabalhar só para ganhar dinheiro”. É o mesmo que dizer que, no casamento, amar não importa. Que o que importa é se o marido - ou a mulher – é rico. Imagine-se agora nessa situação: você é casado ou casada, não gosta do marido ou da mulher, mas é obrigado a, diariamente, fazer carinho, agradar e fazer amor. Pode existir coisa mais terrível que isso? Pois é a isso que está obrigada uma pessoa casada com uma profissão sem gostar dela. A situação é mais terrível que no casamento, pois no casamento sempre existe o recurso de umas infidelidades marginais. Mas o profissional, pobrezinho, gozará do seu direito de infidelidade com que outra profissão? (ALVES, 2000a, p. 38).

Escolher uma profissão não é como escolher uma roupa, ou um calçado que você possa trocar, o que realmente importa é o dia-a-dia vivido naquela profissão escolhida, pois muitas vezes a docência assusta, afinal o profissional que atua na sala de aula se vê enfrentando diversas situações difíceis, como: a falta de estrutura das escolas, a violência por parte de alguns alunos, os baixos salários oferecidos, a desvalorização da profissão que se dá por boa parte da população, alunos que muitas vezes já trazem de casa uma bagagem com problemas familiares, como maus tratos, violência doméstica, violência sexual, trabalho infantil, preconceitos, conflitos diários, vivenciados dentro e fora de casa pela própria família, que são levados para o interior a sala de aula.

Embora mesmo gostando da profissão torna-se desanimador às vezes passar por situações como estas no dia-a-dia. Mas é aí que deve lembrar-se de como importante e grandiosa é a nossa profissão e a diferença que se pode fazer na vida de tantos alunos.



O professor deve sentir-se satisfeito ao ver seu trabalho sendo desenvolvido da melhor forma possível, com o aprendizado, desenvolvimento e crescimento de seus alunos. E só esse profissional que ama o que faz, e que exerce sua docência de maneira plena e prazerosa. “É esta força misteriosa, às vezes chamada vocação, que explica a quase devoção com que a grande maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários. E não apenas permanece, mas cumpre, como pode, seu dever. Amorosamente acrescento”. (FREIRE, 1996, p. 161). E é esse sentimento que não os deixa desistir de sua profissão apesar das dificuldades.

Esse é realmente o bom professor. Afinal o querer ir, todos os dias com um belo sorriso no rosto, disposto a enfrentar com alegria, disposição e criatividade o ambiente de uma sala de aula, é realmente sentir prazer em ensinar.

### **3 O SENTIMENTO DE PRAZER NO CONTEXTO DAS SALAS DE AULA**

O prazer do ser humano está relacionado a uma sensação sempre boa, o ato de sentir prazer vem da realização de uma determinada atividade que vá lhe oferecer um estado de espírito de felicidade. Ou seja, toda ação praticada que seja boa, que lhe cause felicidade, que o deixe satisfeito é sentir prazer.

Toda a atividade que o indivíduo se propuser a fazer, que ele a faça com dedicação, satisfação, orgulho e motivação e, nesse sentido, é possível afirmar que a realização será de sucesso, e os objetivos propostos terão grandes possibilidades de serem alcançados com êxito. Porém esta palavra dentro do contexto da sala de aula tem um significado um pouco mais amplo. No ambiente escolar o que se espera é que o professor desempenhe seu papel como educador de uma forma prazerosa, que para ele seja prazeroso dar aula, que seja boa a convivência com seus alunos. Para que assim sejam prazerosas também as aulas para os alunos. E é por isso que o educador necessita estar repleto desse sentimento para desempenhar seu papel não só como quem ensina conteúdos, mas de quem ensina para a vida e com a vida. O educador deve sentir-se motivado e empenhado para realização de tal papel.

Quando o professor trabalha com prazer, satisfação e dedicação com seus alunos isso é bom tanto para ele enquanto profissional, pois isto mostra que ele realmente quer estar na docência, isso traz benefícios para sua saúde, seu

psicológico, afinal trabalhar todos os dias, se dedicar todos os dias com algo que lhe deixe feliz só pode vir a fazer bem para o seu ser por completo. Bem como tornará gratificante, significativa e inesquecível a formação acadêmica de muitos alunos e alunas marcados por um profissional que sente prazer em ensinar.

Gomes, (2000) ao falar sobre os sentidos do prazer e o cotidiano da escola, entrevista professores e alunos com a finalidade de captar como é o prazer de conviver uns com os outros e com o ambiente escolar. Segundo a autora, os professores entrevistados não souberam definir o que era prazer quando se estava com aquele grupo de alunos. Para alguns era a satisfação por alguma turma, para outros, era necessidade do dia-a-dia. Os resultados da pesquisa mostraram ainda que alguns veem o ato de ensinar como algo feito por pura obrigação, e que afirmam ter relações de desprazer com seus alunos, pois “para muitos desses professores, o prazer do encontro com os alunos é mediado pelo encontro com o saber ou a disciplina”. (GOMES, 2000, p. 215). São professores que acreditam que relações afetivas não podem ocorrer entre professores e alunos, e que o contato deve ser apenas do professor que tudo sabe e está ali simplesmente para passar para os alunos os conteúdos tidos como necessários, pois veem os alunos como meros receptores de saberes, e que não tem nenhuma obrigação de se aproximar, ou de ter um contato mais humano com os mesmos alunos.

São geralmente esses profissionais que não permitem que os alunos se aproximem, compartilhem histórias e perguntem sobre suas dúvidas. Para Gomes, (2000, p. 217), “[...] os que apontam seu desprazer na relação com o grupo correspondem àqueles considerados não táteis que não costumam ter contato com os alunos e tampouco buscam a simples proximidade física”. São atitudes como essas por parte de professores que provocam sentimentos de desinteresse nos alunos, pois se não há afeto para com os alunos, como os mesmos irão demonstrar afeto pelos professores? Deve haver uma reciprocidade nas relações sócio afetivas.

No entanto na pesquisa outros professores veem o ato de ensinar como algo muito além do que simplesmente passar conteúdos, mas o contato físico, o tocar e ser tocado. “Os professores que afirmam ser prazeroso o seu encontro cotidiano com os alunos são justamente aqueles identificados, [...] como pessoas táteis-que tocam e se deixam tocar pelo outro. [...] supõem também uma reciprocidade por parte dos grupos”. (GOMES, 2000, p. 2017).

Professores “táteis”, que realmente se preocupam com seus alunos, com seus problemas e conflitos tem uma facilidade maior para identificar seus alunos, por um detalhe ou outro que muitas vezes passa despercebida por outros olhos, aos olhos desse profissional jamais passará despercebido.

[...] os professores aqui caracterizados como táteis e que afirmam ser prazerosa sua relação cotidiana com os grupos tendem a reconhecer pelos nomes todos ou quase todos os alunos. Alguns deles se lembram de detalhes sobre a corporeidade do aluno - altura, peso, cor da pele ou do cabelo - e detalhes sobre o uso que fazem do espaço da sala.[...] (GOMES, 2000, p. 225).

Para que seja possível essa proximidade no ambiente escolar os educadores devem querer ter esse contato, se sentirem bem, afinal não existe relação afetiva sem o contato mais próximo, sem a conversa, sem o saber ouvir, todos gostam de ser ouvidos, de falar, de poder expor suas ideias, opiniões sem medo de ser reprimido. Afinal, quem não gosta do ambiente de uma sala de aula, com os alunos rindo, participando, interagindo e sem pressa de ir embora? Essas relações afetivas, de carinho, compreensão, amizade e união entre educador e educando enchem de sentido o processo ensino-aprendizagem.

A pesquisa de Gomes também mostra falas dos alunos a respeito das atitudes dos professores que lhes causam prazer e desprazer dentro da sala de aula. “O desprazer do estar juntos para a aula se deve principalmente ao “jeito” de certos professores, que “não tornam a matéria interessante”. Na caracterização dos modelos de desprazer, a referência mais recorrente é a professores e a aulas “chatos” [...] (GOMES, 2000, p. 232). Professores que se veem como o centro do processo ensino-aprendizagem, e que não consideram os saberes dos alunos, professores que não buscam inovar em suas práticas, não pesquisam para agregar mais qualidade às suas aulas, não se preocupam se as aulas estão monótonas, e se os alunos estão cada vez mais desinteressados.

Um professor “chato”, como os alunos explicam, é aquele que “deixa a aula chata”, ou seja, “superficial” sem “aprofundar”, ou seja, rasteira, sem relevo, sem elevação, numa palavra – maçante. Ao falar da aula chata, os alunos muitas vezes se referem à corporeidade do professor ou a própria. [...] (GOMES, 2000, p. 232).

Esse professor a qual os alunos caracterizam como chatos se veem nessa profissão por pura obrigação não se importam com o desenvolvimento dos alunos, se estão aprendendo ou não, o importante é passar os conteúdos, sem interação ou participação dele no decorrer das aulas. A sua relação com seus alunos é apenas de quem sabe e ensina para quem não sabe e aprende, esquecendo que o aluno é sujeito histórico, que deve ser incentivado a pensar, dialogar, expressar-se para se tornar crítico e dono de sua autonomia.

Diferente do professor citado anteriormente, professores caracterizados como prazer<sup>2</sup> e táteis é aquele que trabalha com prazer e causa prazer é aquele que está realmente preocupado com o ser humano que seu aluno irá se tornar no futuro, que busca criar laços afetivos de amizade, carinho e respeito dentro e fora da sala de aula. É aquele que torna divertida e rica a convivência, que estimula, que sorri, que gosta de falar, mais que também gosta de ouvir, que se preocupa com a realidade dos alunos, é o que toca, e que deixa ser tocado, que prefere a proximidade, à distância, que passa confiança, que percebe nos detalhes e identifica aluno por aluno, aquele que transforma simples aulas, em horas de diversão e muito aprendizado significativo, que sabe atrair muitas vezes com um simples olhar, e sempre tem uma palavra, um gesto ou uma atitude de carinho e acima de tudo demonstra verdadeiro amor por seus aprendizes.

[...] os alunos sugerem traços que caracterizam os modelos de professor-prazer – aqueles com quem é agradável o convívio no espaço da sala de aula. Caracteriza o perfil de um professor-prazer, tanto ou mais do que uma qualidade de prender a atenção, infundir confiança e “fazer render”, uma facilidade de olhar e de escutar o aluno, de conversar além da lição. ‘Caracteriza um professor-prazer, mais que tudo isso, uma capacidade de sorrir e de brincar, de se juntar ao aluno para a festa, dentro ou fora da sala’. (GOMES, 2000, p. 231).

Ele inova em seus métodos, busca a partir da disciplina lecionada fazer ligações com situações vividas no seu cotidiano na sociedade, pois a escola também tem essa finalidade, não de ensinar para vestibulares e provas, mas tem a necessidade de ensinar para a vida.

Alves (2004) faz uma comparação fantástica entre inteligência e o pênis ereto, ele nos mostra que quando achamos que não sabemos de nada, quando cremos

---

<sup>2</sup> O termo professor prazer é utilizado por Gomes (2000) e pelos alunos.

que não somos inteligentes somos comparados a um pênis flácido, pequeno muitas vezes, inexistente, que precisa muito de uma excitação para ficar ereto, pois como todos sabem um pênis ereto é uma possibilidade não só de prazer mais de vida também. Porém essa ereção não ocorre sem a excitação. No processo ensino aprendizagem, essa excitação seria provocada por um professor que desperte o interesse de aprender. Para Alves (2004) há professores que tem a imensa capacidade de criar impotência de inteligência nos alunos. Professores que não são nada criativos, e que não buscam meios para despertar o interesse de aprender. Ele destaca ainda que deveria haver uma estimativa para saber quais os professores brochantes e os excitantes.

#### **4 CAMINHOS DA PESQUISA**

A pesquisa foi desenvolvida através da abordagem qualitativa, pois a mesma possibilitou uma melhor compreensão de como acontece o processo das relações afetivas das docentes com as alunas e com o ato de ensinar, no contexto das salas de aula. “Abordagem qualitativa busca significados, não exige representatividade amostral, trabalha com pressupostos”. (COSTA-COSTA 2011, p. 38). Como mecanismo para a coleta de dados foi realizada uma entrevista com duas<sup>3</sup> professoras e duas de suas alunas.

O critério para escolha das professoras foi o histórico positivo do trabalho realizado por elas, no que se refere a trabalharem com prazer, com alegria e estarem sempre próximas de seus alunos. Na pesquisa foi utilizado nomes de flores quando se referiam as professoras participantes, buscando assim preservar suas identidades.

A professora Rosa é formada em História, e está na docência a dezessete anos, leciona em uma escola da rede Estadual de ensino que atende jovens e adultos. A escolha da Rosa para participar da pesquisa ocorreu por minha vontade, por já ter sido sua aluna, e poder ter tido a oportunidade de conviver de perto com tamanha dedicação, compromisso e amor para com todos seus alunos. A forma de

---

<sup>3</sup> Na pesquisa “Docência: o prazer em ensinar” foi feita observações e entrevistas com cinco professores e quatro alunas, porém para esse recorte estarei utilizando apenas duas professoras e duas alunas.

carinho como a professora Rosa tratava seus alunos, despertou em todos os colegas de sala quase devoção pelo seu ser, pelo tamanho carinho como tratava e falava de sua profissão e de seus alunos.

A professora Margarida é formada em Pedagogia, tem mestrado em Ciências Ambientais e está finalizando a tese de doutorado também em Ciências Ambientais, e está na docência a trinta e cinco anos. Atualmente trabalha como professora no curso de Pedagogia na Universidade do Estado de Mato Grosso. Estive presente em uma das suas turmas para fazer a observação. O critério de escolha foi indicação do meu orientador que já a conhecia pelo belo trabalho desenvolvido nessa Instituição de Ensino Superior e sabia de sua contribuição importante para a pesquisa.

#### 4.1 A HISTÓRIA POR TRÁS DA PROFISSÃO DOCENTE

O objetivo por trás da realização das entrevistas para a pesquisa foi poder conhecer e entender a história das professoras, bem como sua prática dentro da sala de aula e como está presente esse sentimento de prazer em exercer a profissão escolhida. Quando feita a pergunta sobre o porquê da escolha da profissão, percebi nas falas das professoras que elas não tinham por interesse inicial a sala de aula, mais depois a docência as conquistou.

**(01) Professora Rosa:** Olha, a primeira, num primeiro momento não era exatamente a sala de aula que eu tinha por interesse, eu quis fazer psicologia, pensava em fazer psicologia, é, tinha algumas outras tendências [...]. A princípio não era a sala de aula sua paixão.

**(02) Professora Margarida:** Em essa é uma história bem interessante é escolher a docência como profissão eu não sei se foi eu que escolhi foi a docência que me escolheu [...].

Nesse momento a professora Margarida nos conta a história por trás dessa escolha.

**(03) Professora Margarida:** A sabedoria da minha mãe até eu vou contar aqui uma

história assim bem uma lição de vida a minha mãe mesmo não tendo nem até o quarto ano na visão dela na visão de futuro ela me disse assim: minha filha vai estudar pra ser professora por que ser professora você terá a possibilidade não nessas palavras né mas você terá a chance de escolher que horário que você pode trabalhar e justamente você pode trabalhar de manhã a tarde ou a noite e aí você trabalhando pelo menos meio período você pode ficar o outro período junto com os seus filhos quando você casar, e eu achava aquilo assim o cumulo né como que uma menina que não tinha nem dezesseis anos, e a minha mãe falava assim, eu falava assim mãe eu não quero casar e muito menos ter filho eu não vou ser professora, mas a insistência dela foi tanta que eu acabei fazendo a matrícula no magistério que era a única coisa que a gente tinha na cidade vizinha não era nem na minha cidade, cidade pequena Paraná e assim eu me tornei professora mais foi um incentivo da minha mãe por ter também as minhas irmãs né que já eram professoras foi uma influência né.

A professora Margarida foi influenciada pela mãe a escolher ser professora, porém não era a princípio a profissão que ela queria.

**(04) Professora Rosa:** [...] Mais eu escolhi na verdade a docência a partir do momento que eu percebia o quanto alguns professores que eu tinha, eles se encantavam na sala de aula, entendeu? As aulas eram muito motivadoras, eram de um jeito assim bastante irreverentes pra época que o meu período de formação foi um período em que tudo era muito rigoroso, tudo tinha que ser é do professor para o aluno e eu tive alguns professores que mostraram que não, que você pode ter prazer, que você pode ter uma motivação diferente, você pode participar e como eu sempre gostei muito de ler e como eu sempre gostei muito de perguntar eu fui me encantando com isso e depois decidi que era professora que eu gostaria de ser... [Sorrisos].

Na vivência com professores como ela mesma diz irreverentes para a época, a professora Rosa se encantou e decidiu ser professora. Quando feita a segunda pergunta a respeito de como os professores se sentiam hoje atuando na área da educação, as respostas foram as seguintes:



**(05) Professora Rosa:** Eu diria pra você que, estar em sala é o que realmente eu gosto, eu adoro a sala de aula, [...] eu gosto de escrever no papel [...] planejando a minha aula, pensando em como meu aluno poderia estar aprendendo [...] as vezes eu me sinto entristecida com algumas situações, mas eu não saberia fazer outra coisa, a sala de aula é o meu palco, é a minha paixão.

**(06) Professora Margarida:** Eu digo que eu me sinto realizada eu acho que eu não sei fazer outra coisa a não ser professora e nessa influência toda eu tive assim professores desde o primeiro ano mesmo sendo escola rural que me marcaram que essa influência veio comigo a vida toda né a me tornar a professora que eu sou hoje.

De acordo com as respostas das professoras, é unânime a realização que as mesmas sentem em estarem atuando como docentes apaixonadas pela sua profissão. Fica claro que mesmo em meio a tanto tempo atuando na sala de aula, quando se gosta realmente do que se faz, o mesmo será feito a vida toda com amor, dedicação e competência. Foi perguntado também para as professoras se elas acreditavam que existiam profissionais que atuavam prazerosamente na docência, e se elas se viam como uma dessas profissionais.

**(07) Professora Rosa:** Sim, conheço muitos, graças a Deus estou em meio a muitos professores assim, e é um prazer muito grande estar com eles.

**(08) Professora Margarida:** Acredito, por que eu visualizo isso né eu vivo isso e vejo nas pessoas também que a gente acaba tendo um contato né eu acredito sim.

Pode-se detectar através das falas das professoras, que há sim muitos bons professores que estão na profissão por que gostam sim, e estão realmente preocupados com o futuro da educação. Já com a relação a dizer se eles se sentiam como um desses profissionais, percebeu-se talvez uma certa modéstia por parte dos professores.

**(09) Professora Rosa:** Olha, não sei dizer isso, [muitos risos] eu diria que eu me considero uma pessoa esforçada, que a partir do momento que eu entro na sala de aula, eu quero dar o melhor de mim, [...] agora se eu sou uma professora [risos] que surte esse efeito de motivação de interação, aí são os alunos que tem que dizer, não sei [risos].

A professora se mostra como alguém que procura ensinar seus alunos da melhor maneira possível, agora na opinião dela só quem poderá dizer se ela é merecedora desse título, só os alunos é que poderão afirmar.

**(10) Professora Margarida:** Eu, digo assim eu tento ser, eu não vou me engrandecer mais eu procuro ser, até por que eu vejo que quando nós temos essa afetividade afinidade e sendo esse professor que gosta do que faz, quando você gosta do que faz você não trabalha faz por amor você não está tendo aquilo como um trabalho, mas você está desempenhando algo que te faz bem sem pesar.

A professora Margarida também deixa claro que faz o seu melhor dentro da sala de aula, e que quando se trabalha com o que gosta, não se vê como um trabalho, mais se desempenha como algo que faz bem.

#### 4.2 O AFETO NAS RELAÇÕES ENTRE PROFESSOR/ALUNO

As alunas<sup>4</sup> entrevistadas são, ou foram educandas das professoras participantes dapesquisa. Quando perguntadas sobre como era o relacionamento com as professoras as respostas foram as seguintes:

**(01) Aluna Acácia:** Eu acho que assim, é muito bom da minha parte é maravilhoso, ela é uma professora que ela agrega pra gente, ela é muito fácil você chega nela, eu acho muito fácil, muito fácil assim você entende o que ela fala, você entende o que ela quer, [...] ela tem uma aproximação muito grande com os alunos.

---

<sup>4</sup> Foi utilizado nomes de árvores quando se referir as alunas, para preservar a identidade das mesmas. Bem como foi alterado nas falas das alunas o nome real das professoras.

**(02) Aluna Sibipiruna:** É um relacionamento que eu acredito que vá além de professor aluno, por que ela transparece emoção, carinho, ela traz a realidade dela lá fora pra dentro da sala de aula, e ela dá liberdade dá gente também expor a nossa realidade pra ela, principalmente na hora do intervalo é sempre um bati papo com histórias, choros e emoção, isso eu tive com ela né, então ela tem um diferencial que faz ela tão especial né, com quem você conversa. Todos tem a mesma opinião em relação a ela.

É possível identificar que na fala das alunas, o relacionamento com os professores é de prazer, confiança, amizade, de brincadeiras e muito respeito. E é um relacionamento além da sala de aula. Porém na fala de uma das alunas percebemos que essa aproximação ocorre por que a professora dá essa liberdade e aprova esse contato mais direto e próximo. “[...] dizem de um prazer que é tido com um professor que “olha nos olhos” e, mais do que isso, “sabe escutar” [...]”. (GOMES, 2000, p. 228). Quando as alunas foram questionadas a dizer o que os professores promoviam nas aulas que fazia com que as relações de ambos fossem tão boas, as respostas me mostraram que para ser um professor querido e estimado pelos seus alunos ele não precisa fazer nada de tão extraordinário assim.

**(03) Aluna Acácia:** A interação. Ela gosta que a gente esteja sempre interagindo. E ela faz muito seminário. Os seminários dela é muito bom, a gente aproveita muito, a gente se diverte. Teve um último seminário dela a gente, o último grupo que apresentou, apresentou lá na frente da UNEMAT, fez umas brincadeiras, uns jogos foi muito legal.

**(04) Aluna Sibipiruna:** Essa oportunidade de ir além, de fazer você ler o texto que ela ti dá, mais de ti dá liberdade de você buscar outras coisas e você acrescentar naquele trabalho, isso foi uma das coisas que mais me chamou atenção foi isso dela acreditar que você é capaz de buscar além daquilo que ela ti ofereceu.

Fica claro que nenhuma das professoras faz nada de tão diferente, elas simplesmente são pacientes, carinhosas, ajudam, utilizam dos recursos que a escola oferece pra desenvolver seu trabalho de uma forma bela.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a realização desse trabalho ficou evidente para mim enquanto pesquisadora que para se sentir feliz e realizado na profissão escolhida é necessário que haja prazer vinculada a competência profissional, ou seja, quando se gosta da profissão escolhida e se busca através da mesma, se capacitar, estudar e pesquisar para estar sempre melhorando e inovando em sua prática, dessa forma a acrescentar em sua experiência profissional, é certo que além de se tornar um profissional, feliz, realizado e competente, também será um profissional que trará resultados maravilhosos no caso do professor, a aprendizagem significativa e feliz de seus alunos.

Ficou nítida através das entrevistas que as professoras apesar das dificuldades do dia-a-dia da profissão estão muito felizes, se sentem muito realizadas, e estar em sala de aula é muito mais que o exercício de uma profissão, e que não trocariam de profissão, pois não saberiam fazer outra coisa que não fosse dar aula. Nesse sentido concluo esse trabalho investigativo afirmando que o ambiente de uma sala de aula onde o professor sente prazer de ensinar é um espaço onde transborda felicidade, sorrisos, brincadeiras, onde você não vê a hora passar, onde há interação, participação, envolvimento e questionamentos que são tão necessários para o desenvolvimento de qualquer aluno em qualquer fase estudantil.

Trabalhar com uma temática bonita, sensível e mais humana como essa, é valorizar sua profissão, é encher de significado sua carreira, poder dá o seu melhor e ser o responsável pela arte de ensinar para a toda a vida. Isso vale para todos os profissionais de todas as profissões que buscam enquanto profissional mudanças e trabalham com prazer e dedicação na realização de seu trabalho.

As contribuições desse trabalho para mim enquanto futura Pedagoga, para os professores que já estão na docência e para aqueles profissionais que estão por vir é que trabalhar com prazer, é mostrar para o mundo que as mudanças só acontecerão quando a iniciativa partir de nós, como profissionais que se orgulham, que amam e fazem tudo o que podem para tentar mudar a realidade com a qual é vista os professores hoje na sociedade.

## THE TEACHER'S PLEASURE IN TEACHING

### ABSTRACT<sup>5</sup>

This article discusses the pleasure of teaching, trying to understand how this feeling is manifested in the practice of the teachers who work in schools located in city of Sinop/Mato Grosso. Rubem Alves and Paulo Freire are some of the scholars who supported this research. The study was based on the qualitative approach, using observation in the classroom and interviews with teachers and students. By the end of investigation it was possible to conclude that teachers feel happy and enjoy the profession they have chosen. It was also evident that students show a greater interest in learning from a teacher who performs his role pleasurablely.

**Keywords:** Teaching. Teachers. Pleasure. Students.

### REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2000 (a).

ALVES, Rubem. **Ao professor, com o meu carinho**. Campinas, SP: Verus, 2004.

ANTUNES, Celso. **Quanto vale um professor? Reais ou imaginários, alguns imprescindíveis, outros nem tanto**. Petrópolis: Vozes, 2011.

CODELL, EsméRaji. **Uma professora fora de série**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

COSTA, Marco Antonio F. da. COSTA, Maria de Fátima Bazzorro da. **Projeto de Pesquisa: entenda e faça**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, convivência e ética**. São Paulo: Cortez, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

---

<sup>5</sup>Resumo traduzido pela Mestra Betsemens B. de Souza Marcelino, Professora interina do curso de Letras da UNEMAT/Sinop, Mestra em Estudos da Linguagem pela UFMT/Cuiabá Graduada em Licenciatura Plena em Letras- Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop.

GOMES, Icléia Rodrigues de Lima e. **A escola como espaço de prazer**. São Paulo: Summus, 2000.

MONTE-SERRAT, Fernando. **Emoção, afeto e amor**. São Paulo: Academia de inteligência, 2007.

PROFESSORA ROSA. **Professora Rosa**: depoimento [23 ago. 2017]. Entrevistadora: Rosangela da Costa Moraes. Sinop, 2017. 8 f. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre docência e o prazer em ensinar.

PROFESSORA MARGARIDA. **Professora Margarida**: depoimento [26 set. 2017]. Entrevistadora: Rosangela da Costa Moraes. Sinop, 2017. 6 f. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre docência e o prazer em ensinar.

ALUNA ACÁCIA. **Aluna Acácia**: depoimento [18 dez. 2017]. Entrevistadora: Rosangela da Costa Moraes. Sinop, 2017. 5 f. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre docência e o prazer em ensinar.

ALUNA SIBIPIRUNA. **Aluna Sibipiruna**: depoimento [09 jan. 2018]. Entrevistadora: Rosangela da Costa Moraes. Sinop, 2018. 2 f. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre docência e o prazer em ensinar.

Correspondência:

**Rosangela da Costa Moraes**. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: [rosangelamoraes5@hotmail.com](mailto:rosangelamoraes5@hotmail.com)

Recebido em: 25 de maio de 2018.

Aprovado em: 29 de maio de 2018.